

ETERNAMENTE JOVENS

Data de aceite: 01/06/2023

Antonia Mendes Teixeira

E de repente nos sentimos velhos. Nasci no longínquo ano de 1947. É sério que já estamos no século XXI? Mas pior do que me sentir velha no ponto de vista cronológico é atestar essa condição do ponto de vista da essencialidade. Essencialidade que perdemos em nosso ciclo de familiares, coadjuvantes nos processos de tomada de decisões que, direta ou indiretamente, nos inclui. Pode isso? Diante deste novo modelo de viver, desta nova velocidade de fatos, somos, na maioria das vezes, apêndices – estamos em 2022, não posso esquecer.

É engraçado quando olho no retrovisor e percebo que gastei todo o meu tempo reafirmando minhas verdades, pregando ensinamentos que, por sua vez, foram aprendidos com meus antepassados e que, na forma deles, também sentiram essa sensação de *dèjà vu*. Ora, mas soa um tanto paradoxo o fato de que se a verdade dos nossos filhos está pautada

nas nossas, repassadas a eles durante toda a vida, não deveriam eles também envelhecer reproduzindo esses mesmos valores?

Diante desse dilema, enxergo claramente dois caminhos a serem seguidos: ou aceitamos pacificamente esse contraponto e nos colocamos como sujeitos inertes e passivos, meros receptores dos lampejos de iniciativas afetivas e frações de tempo que nos sobram nas vidas dos “jovens”, ou incorporamos sujeitos de transformação, quebrando paradigmas e “re”assumindo nosso protagonismo dentro de nossas próprias vidas. E qual o caminho para isso? Voltando a sermos e nos sentimos úteis e essenciais.

Percebam que falo aqui de um sentimento atemporal, porém gostaria de provocar ainda mais esta reflexão, citando um fator que considero ainda mais desafiador, que é o conflito de gerações. Karl Mannheim chama de enteléquia geracional a classificação das gerações conforme o ano de nascimento e as características formativas relacionadas a

cada um desses grupos geracionais. Então, para Mannheim, eu sou uma “Baby Boomer” porque nasci no pós-guerra e tenho 74 anos.

Agora imagine uma “Baby Boomers”, exemplo de uma geração produto de um modelo extremamente rígido e disciplinar, que carrega consigo características como a obstinação e a defesa dos valores tradicionais como a família, a realização pessoal, financeira e o trabalho, tendo que, em pleno século XXI, se redescobrir como pessoa e ocupar este protagonismo num mundo completamente novo, onde a geração hegemônica é a Alfa, que privilegia a tecnologia e seus recursos como instrumentos de sua própria comunicação, interação, afirmação e relações pessoais.

Vejo-me dentro desse dilema, vivendo essa interseção, afinal, precisamos ser vistos e lembrados pelos filhos, netos, amigos, dentro todos os que compõem nosso ciclo de amizade e vida, mesmo tendo pensamentos e opiniões tão diversas, na maioria das vezes vistas por eles como “ultrapassadas”, “antigas”, “jurássicas”. E como ajo? Com sabedoria.

Então vamos lá. Não adianta chorar as pitangas, a realidade é esta, o tempo é este, tenho que me unir com as redes sociais (por sinal, o que seria da minha vida hoje sem o WhatsApp?). A internet já faz parte do meu cotidiano. O lfood é meu fiel companheiro e já uso até Uber. Tempos modernos. Mais do que nunca, aquele ditado que diz “Se não pode com o inimigo, junte-se a ele” não poderia ser mais atual. É saber fazer do limão a limonada. Ora, que diferença faz se temos 20, 30, 40 ou 80 anos? O que verdadeiramente importa é o que podemos oferecer para a sociedade em que estou inserida. O que faz a diferença é o quanto essencial eu sou para as pessoas que me rodeiam, e é nessa concepção que vivo.

O nosso papel como pessoas experientes dentro de nosso meio social é sermos o que a gente desejar, é sermos influenciadores de boas práticas, é sermos exemplos de vontade de viver e de aproveitar cada minuto da vida com a maior intensidade possível. É provar que não é a geração que nascemos, mas o estilo de vida que adotamos o verdadeiro retrato de nossa personalidade.

Confesso que sempre é necessário um gatilho para disparar em cada um de nós essa descoberta. No meu caso, esse gatilho foi minha inserção na UMA – Universidade da Maturidade da UFT – Universidade Federal do Tocantins. Aqui, vivo um redescobrimto diário de mim mesma. Aqui me sinto essencial e útil. Aqui, eu sou eu na magnitude de minha essência e de minha própria existência. A protagonista de minha própria história. Se eu me completo, fico menos vulnerável aos sentimentos ruins, fico menos frágil, menos exposta.

A sociedade carece de nós como pessoas que já viveram muito, que já superaram tempos difíceis, que já experimentaram regimes políticos/econômicos/sociais distintos. É meu papel me expressar como quem já viu e viveu cada experiência. É meu papel reafirmar minhas verdades, minhas crenças, minhas tradições, minha cultura, minhas manias, meus gostos. É meu papel marcar meus descendentes com memórias de mim, do tempo que convivi com cada um. É meu papel tentar fazer do mundo em que vivo um lugar mais

harmônico e melhor para cada um também viver.

Tudo isso é meu papel, não porque tenho 74 anos, mas porque estou viva e ativa, essencial e útil, porque hoje me considero eternamente jovem, uma ALFA BABY BOOMER.